

DRUMMOND, DA POÉTICA PARA A POLÍTICA: INTERRELAÇÕES ENTRE LINGUAGEM E DEMOCRACIA PRESENTES EM “CONSIDERAÇÕES DO POEMA”

DRUMMOND, FROM POETICS TO POLITICS: INTERRELATIONS BETWEEN LANGUAGE AND DEMOCRACY PRESENT IN “CONSIDERAÇÕES DO POEMA”

Otávio Augusto de Oliveira Moraes¹

Resumo: No presente texto apresentamos as correlações entre “Considerações do Poema” de Drummond, no que se refere à sua politicidade, e o arcabouço teórico da Filosofia da Desconstrução de Jacques Derrida. As interrelações entre a poética do primeiro e as teorias do segundo se alicerçam sobre o conceito de “diferença” e os processos de inversão da relação entre oralidade e escrita. Sobre esses arcabouços teóricos, o texto busca explicitar a afinidade conceitual da poética de Drummond e da acepção de Democracia como desconstrução.

Palavras Chave: Modernidade. Política. Poesia. Democracia.

Abstract: In the present paper we present the correlations between Drummond's "Considerações do Poema", with regard to his politics, and the theoretical framework of the Philosophy of the Deconstruction of Jacques Derrida. The interrelations between the poetics of the first and the theories of the second are based on the concept of "difference" and the processes of inversion of the relationship between orality and writing. On these theoretical frameworks, the text seeks to make explicit the conceptual affinity of Drummond's poetics and the meaning of Democracy as deconstruction.

Keyword: Modernity. Politic. Poetry. Democracy.

1. INTRODUÇÃO

O poema em estudo é produzido em um contexto político conturbado, permeado pela Segunda Grande Guerra, no plano internacional; e pelo Estado Novo, em terras brasileiras. O caldeirão ideológico componente dos muitos conflitos sobre os quais esse tempo se empenhava marcaram de maneira íntima a produção poética de Carlos Drummond de Andrade. A predileção do autor por um horizonte contra-hegemônico é constante nas obras referentes ao período de 1938 a 1946, não sendo o poema em estudo uma exceção.

“Considerações do poema” é indubitavelmente um texto multifacetário, sendo vislumbrado por críticos do renome, como Antônio Candido, como um dos textos poéticos

¹ Mestrando em Literatura de Língua Portuguesa pela PUC-MG, bolsista CNPQ. E-mail: otaviomoraesrg@gmail.com

mais potentes do acervo de Drummond. Em razão da multiplicidade de leituras que o presente poema propicia, frisaremos as possíveis interrelações entre a Filosofia da Desconstrução e as experiências criativas empreendidas por Drummond no uso poético da linguagem.

Primeiramente, abordaremos neste texto a categorização do fenômeno moderno, mesclando aportes da teoria literária com a reflexão filosófica pertinente. No que se refere ao último, exporemos primariamente as reflexões de Kant sobre a liberdade artística, intimamente vinculada com sua leitura racionalista, representada pelo “*sapere aude*”, no qual a racionalidade é vislumbrada em uma acepção pura e à parte de amarras exteriores.

Prosseguiremos a reflexão apresentando o posicionamento de oposição como acepção kantiana da estética moderna. Será utilizado principalmente o pensamento de Jacques Rancière, em seu reconhecimento de uma fluidez conceitual do termo “modernidade”, pensando essa categorização em termos estéticos como uma experimentação de ressignificação constante do já existente, sendo sob seu olhar os elementos externos em relação ao condicionamento da liberdade artística, verdadeiro campo fundante do “dizer mais” estético, acepção que pensamos se adequar mais com a prática literária de Carlos Drummond de Andrade, dada a constância dos jogos de linguagem em sua obra, a partir da representação de leituras de outros autores ou reflexões sobre seus próprios poemas, sendo a ressignificação regra na escrita do poeta.

Em relação à teoria literária, nos alicerçamos nos escritos de Antônio Candido, em suas reflexões referentes ao modernismo brasileiro no que se refere às suas peculiaridades e ao seu desenvolvimento. Ainda no campo da teoria literária, nos debruçaremos sobre as inter-relações entre as articulações linguísticas e o processo poético. Nesse tópico, embasaremos nossos apontamentos nas reflexões desenvolvidas pelo professor Audemaro Taranto Goulart. Em relação às suas pesquisas, concernentes à gênese poética, correlacionaremos sua proposta de produção literária como “ruptura do discurso da comunidade” com a perspectiva de Derrida, da relação entre significado e significante, frisando a importância do último frente ao primeiro na composição do fenômeno estético. A conexão que propomos tem afinidade por pressupor um agir interpretativo como verdadeiro elemento fundante da linguagem artística, na qual se transmuta os elementos cotidianos na prática linguística do “dizer mais” tão característico à produção literária.

O texto é permeado pelas correlações das reflexões acima expostas com “Considerações do Poema”. A partir de uma análise embasada nos aportes da desconstrução, nos utilizamos de alguns fragmentos do texto poético para desenvolver a temática da gênese poética em sua vinculação com uma teoria democrática da literatura. Através da correlação

entre crítica literária e reflexão estético-filosófica, o texto tenta apresentar as singularidades da poética de Drummond, sendo o poema em questão primoroso para este debate, dado o objeto do texto poético ser a própria acepção do autor sobre literariedade.

Findamos nesta mescla de referenciais teóricos em propor a afinidade da poesia drummondiana com uma politicidade contra-hegemônica, defendemos a conexão da escrita do poeta com uma democracia radicalizada. A afirmação embasa-se na acepção da escrita poética como elemento representativo de uma rearticulação linguística com potencialidade para desmontar, de dentro, as estruturas binárias da metafísica ocidental, abrindo um horizonte de modificações na realidade material sobre a qual, como em um processo de escrita literária, a coletividade poderia produzir realidades ainda não experimentadas, se lançando artisticamente na busca do utópico.

2. Modernidade e ruptura

É fundamental que, de início, façamos uma distinção entre a modernidade em sua acepção restritamente histórica e os processos estéticos de ordem e subversão referentes a esse horizonte de experimentação artística. Afirmamos o mesmo pelo fato de que priorizaremos os aportes filosóficos confluentes com a teoria literária, sendo a reflexão histórica, em sentido mais restrito², o elemento que comporá de maneira secundária a contextualização da produção de “Considerações do Poema”.

A modernidade pode ser compreendida como processo de abertura do plano estético a partir da interrelação entre *práxis* e conceituação artística, no qual ambos os elementos se fundem na produção do “novo”. Como momento inaugurador da plataforma identitária sobre os alicerces da racionalidade na modernidade, o produzir artístico mescla-se com o processo de subjetivação do próprio “sujeito” artista. O filósofo GUYER (2005) expõe essa característica em seus estudos da estética em perspectiva kantiana, ao demonstrar as convergências entre o *sapere aude*, característico de Kant, e as implicações diretas das noções de liberdade e de autonomia sobre sua acepção de produção artística:

Ô gênio está na invenção de ideias estéticas, que é uma expressão livre da imaginação, que por sua vez envolverá forma e matéria e cor (...). Em sua análise inicial da sensibilidade e do juízo estético, Kant, como Hutcheson antes dele, caracteriza a sensibilidade estática em termos negativos: o que é essencial para ela é

² Para saber mais sobre as interrelações entre as narrativas históricas e literárias ver: RANCIÈRE, J. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: EXO/34, 2005, p. 27-44.

a liberdade da imaginação em seu jogo com a forma, liberdade com relação à restrição de conceitos determinados do entendimento. (GUYER, 2005, p.58)

O pensamento de KANT³ (2005a, 2005b), no que se refere às discussões de cunho estético, perpassa por suas reflexões sobre a autonomia. É marcante a articulação que o autor faz entre os ideários de liberdade. Em síntese, a liberdade é categorizada como a tradução do próprio movimento de “maioridade” que a modernidade representa em termos intelectuais, ou seja, é o campo do livre pensar, no qual o sujeito produz a partir de toda sua potência individual sem restrições advindas de elementos exteriores. A apologia dessa liberdade como a única de fato associada à produção artística é constante nas reflexões estéticas de Kant, sendo a liberdade quando experimentada sobre seus condicionamentos exteriores vislumbrada como incondizente com a prática estética.

A arte, quando em afinidade com a liberdade, é qualificada como portadora de uma beleza livre. Essa liberdade define-se pela impossibilidade de produção de uma concepção de belo alicerçada sobre subjetivismos ou, em outras palavras, por julgamentos de gosto. A beleza é apresentada por KANT (2005, p.64) nos seguintes termos: “Belo é o que apraz universalmente sem conceito”.

É importante frisar que ao formular seu conceito de liberdade, Kant procede com uma inversão das reflexões concernentes à estética no que se refere a seus pares da época (GUYER, 2005). Pensadores do campo estético, como Hutcheson e Du Bos, vislumbravam o produzir artístico como campo condicionado às restrições de liberdade no sentido material, sendo a ausência e não a plenitude a verdadeira semente do elemento criativo. O seguinte trecho é ilustrativo dessa distinção: “O novo nos serve como uma espécie de refrigério e acalma um pouco aquela saciedade de que tendemos a nos queixar em nossos entretenimentos comuns e habituais” (ABRANS, 1953, p.127 *apud* GUYER, 2005, p.48).

A referida liberdade artística é singularizada por RANCIÈRE (2009, p.36) em razão de seu processo de rearticulação conceitual, movendo preceitos estéticos pretéritos em uma excitante prática criativa. Os dizeres do próprio pesquisador explicitam: “O regime estético das artes não começou com decisões de ruptura artística. Começou com as decisões de reinterpretação daquilo que a arte fez ou daquilo que a faz ser arte”.

Vislumbramos, portanto, que o “novo” emerge de um diálogo com as concepções estéticas anteriores, estando a novidade na liberdade de subverter o já estabelecido, sendo,

³ Em razão do objeto do presente texto ser as interrelações entre política e liberdade artística, no campo da poética moderna, não abordaremos as muitas nuances do pensamento de Kant sobre estética, nos restringindo a seus pensamentos em relação a liberdade na produção artística. Para saber mais sobre Kant e estética recomendamos KANT, Immanuel. *Crítica da faculdade do juízo*. Trad. Valério Rohden e António Marques. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

portanto, de grande dificuldade vislumbrar um movimento artístico autorreferenciado, fundado sobre si mesmo. A leitura que Rancière desenvolve do fenômeno moderno em sua relação com o produzir artístico emerge como um posicionamento crítico à idealização da subjetividade livre proposta por Kant. Em oposição ao filósofo germânico, Rancière percebe nos condicionamentos o verdadeiro campo de abertura, transformando o que o primeiro vislumbra como miséria em uma infinidade de combustível criativo.

A modernidade, no que tange ao campo da produção artística a partir da plataforma escrita, atua com radicalidade na ruptura das acepções estáticas da produção literária, caracterizando-se por uma apropriação aberta do arranjo linguístico, desvinculada ao imperativo formalista da métrica. A referida quebra, ou melhor, subversão das normativas estéticas, desenvolve na poética moderna a possibilidade de esvaziar as hierarquizações temáticas e as vinculações óbvias entre as construções linguísticas, sendo exemplo dessa violência criativa o abatimento da rima como um dos primeiros passos. A literatura moderna é bem descrita no seguinte trecho do pensamento de Rancière, ao abordar a escrita: “Circulando por toda a parte, sem saber a quem deve ou não falar, a escrita destrói todo fundamento legítimo de circulação da palavra (...)” (RANCIÈRE, 2009, p. 17).

Em termos de teoria literária, nos ancoramos sobre as reflexões de CÂNDIDO (2004). O autor vincula o processo modernista em âmbito literário às mudanças radicais operadas no cenário político, econômico e social no Brasil. A derrocada da República Velha trazia possibilidades de movimento e criação a ritmos industriais em um país que até a pouco se organizava sobre plataformas sociais de bases quase estamentais.

O frenesi caracterizador do modernismo se dá sobre as bases de combate ao arcaico que os literatos componentes do movimento objetivavam. “As velharias” que o moderno propunha a substituir eram em muito representadas pelo embate em âmbito simbólico entre a plataforma agrária reinante e o emergente processo de industrialização do país, origem e produto da massa imigratória recém-chegada e da luta organizada da classe trabalhadora. CÂNDIDO (2004, p. 73) desenvolve essa correlação no seguinte trecho:

Nesse processo, o marco divisor foi o movimento armado de 1930, nascido de uma disputa eleitoral no seio das oligarquias, mas abrindo um período novo, pela coincidência com a crise econômica mundial as forças que atuavam em todo o mundo ocidental desde o fim da guerra de 1914-1918, na política, no pensamento, na arte, na literatura, no estilo de vida.

Podemos vislumbrar que a politicidade é um fenômeno intrínseco à literatura moderna, sendo um dos elementos fundantes deste à época, novo campo do sistema literário

brasileiro. Politicidade que carrega em seu seio a possibilidade do Brasil se afirmar identitariamente a partir de uma estética literária própria, principalmente em sua originalidade temática.

Carlos Drummond de Andrade é vislumbrado por CÂNDIDO (2004, p. 75, grifo nosso) como poeta moderno entre os modernos, fiel seguidor da não-cartilha pautada por esse movimento. Nas palavras do próprio autor:

(...) ele parece um modernista de programa aplicando meticulosamente os preceitos estabelecidos; mas é que eles se correspondiam à sua mais profunda natureza poética, cheia de pudor e angústia, encontrando-se bem no verso duro e seco, próprio para dissolver na ironia e no sarcasmo qualquer laimo de sentimentalismo ou ênfase, que ele sabe anular pelo recurso ao estilo coloquial mais cotidiano. **Drummond é o primeiro grande poeta brasileiro nascido intelectualmente dentro do modernismo, sem laivo do passado, nem perigo de volta a ele.**

Ultrapassada essa primeira etapa de um esboço do complexo fenômeno moderno em suas nuances confluentes com a liberdade artística, debruçaremos sobre o poema “Considerações do poema”, utilizando dos aportes da filosofia da desconstrução para laborarmos as vinculações da poética drummondiana com a politicidade em sua acepção contra-hegemônica. Frisaremos o “jogo” entre oralidade e escrita presente no poema em discussão buscando expor a relação entre esta prática estilística moderna e a utilização política do escrever poético.

3. A liberdade que se constrói na escrita

Jacques Derrida tem como ponto marcante de suas reflexões no campo da desconstrução a relação entre oralidade e escrita. O filósofo franco-marroquino explicita em suas obras a usual predileção da primeira frente à última no âmbito da filosofia ocidental, destacando esse posicionamento tanto no pensamento moderno quanto clássico⁴. De acordo com DERRIDA (2004), a oralidade é apresentada pela linguística moderna como verdadeiro objeto de estudo, ocupando a escrita papel secundário. O professor GOULART (2003, p.15) sintetiza a acepção derridiana sobre a relação entre escrita e fala da seguinte maneira:

(...) Derrida vai contestar o princípio historicamente acolhido pelo logocentrismo de que o significado é determinado e está sempre baseado nas intenções do falante. Pode-se perceber aí, nessa crítica, o postulado da “presença”, na medida em que se

⁴ Derrida, na obra *A farmácia de Platão*, destaca o posicionamento de desconfiança do filósofo grego frente à escrita, expondo a presença deste posicionamento na obra *Fedro*. Em perspectiva moderna na obra *Gramatologia*, a predileção pela oralidade no pensamento de Saussure, sendo os escritos deste autor principal objeto da prática desconstrutiva na obra.

coloca que o significado vai depender das intenções de um sujeito que se faz ouvir (que se faz presente), ao operacionalizar a língua através do ato da fala. Entretanto, para Derrida, o significado não fica na dependência nem da intenção nem da presença de um falante, uma vez que o significado é contextual e relacional, isto é, ele depende do contexto em que foi produzido e interpretado, assim como dos demais significados com os quais está relacionado.

Sobre os aportes acima expostos é construída uma relação entre centro e margem no que se refere à fala e à escrita, a convergência entre oralidade e escritura parte do pressuposto de que a fala representa uma exteriorização da “presença”, um liame entre o estado da alma e a expressão deste. A escrita como mera derivação da visceralidade contida na fala é posta à margem. A desconfiança frente à escrita se dá pela sua simulação da presença, que finda decorrendo na instituição de um comunicar aberto a significações outras. Essa abertura é integral opoente à presença da oralidade, que se mantém “imaneante” na defesa de sentido de quem fala. Nas palavras do próprio DERRIDA (2004, p.43), “Este liame natural do significado (conceito ou sentido) ao significante fônico condicionaria a relação natural subordinando a escritura (imagem visível, diz-se) à fala. É esta relação natural que teria sido invertida pelo pecado original da escritura”.

A desconstrução, em suas múltiplas facetas, tem um *modus operandi* que pode ser interessante para nosso intuito de, ainda que de maneira precária, buscar o desvelamento da poética moderna em Drummond, na sua potencialidade em expor a partir da escrita a possibilidade de uma liberdade meta-poética, afim como uma democracia ainda a ser experimentada. Nas palavras do próprio DERRIDA (2007, p. 40-41), a desconstrução se *move* da seguinte maneira:

Em geral, a desconstrução se pratica segundo dois estilos que, o mais das vezes, ela enxerta um no outro. Um deles assume o aspecto demonstrativo e aparentemente não histórico dos paradoxos lógicos-formais. O outro, mais histórico ou mais anamnésico, parece proceder por leituras de textos, interpretações minuciosas e genealógicas.

No que se refere à relação entre escrita e oralidade que permeara nossa leitura de “Considerações do poema”, usaremos com predileção a desconstrução pautada pela interpretação minuciosa e genealógica, visando acirrar as potencialidades do pecado da escrita, no que se refere à “inversão das relações naturais entre fala e escrita” (DERRIDA, 2004, p. 42).

Não rimarei a palavra sono
com a incorrespondente palavra outono.
Rimarei com a palavra carne
ou qualquer outra, que todas me convém.
As palavras não nascem amarradas,
elas saltam, se beijam, se dissolvem,
no céu livre por vezes um desenho,
são puras, largas, autênticas, indevassáveis.
(ANDRADE, 2000, p.09)

A ruptura com a qual Drummond inicia “Considerações do Poema”, sobrepondo a liberdade da escrita às amarras da oralidade em seu senso de rima, prossegue com a exaltação da escrita como campo inexorável da liberdade, ressaltado pela máxima: “As palavras não nascem amarradas”. Esse embate entre a escrita e a fala ganha no texto em baila ares de um antagonismo entre uma acepção poética de liberdade em contraposição a uma estrutura pré estabelecida e intangível em termos de mutabilidade.

Nessa correlação inicial entre a ruptura de Drummond frente à rima, podemos vislumbrar semelhança entre a acepção de modernidade presente nas reflexões de RANCIÈRE (2005) sobre a arte na modernidade e a relação entre significado e significante proposta por DERRIDA (2004). Este posicionamento se alicerça na rearticulação desenvolvida por Drummond, que explicita seu antagonismo a uma poética restrita à métrica, desenvolvendo sua escrita peculiar a partir de uma rearticulação do pré-estabelecido.

A poesia, sob esses aportes, finda como campo de afirmação absoluta da indissociabilidade entre significado e significante, abrindo a possibilidade de rearticular esteticamente o significado em um jogo de rearranjos infinitos. O jogo é desenvolvido conceitualmente por DERRIDA (2004, p.61) sob os seguintes termos: “Poderíamos denominar jogo a ausência do significado transcendental como ilimitação do jogo, isto é, como abalamento da onto-teologia (...)”.

Quando Drummond brada “As palavras não nascem amarradas”, a conclamação expressa a um primeiro olhar uma ânsia de liberdade criativa que pode ser pensada sob um prisma individual. Porém, quando articulado o poema com uma acepção orgânica com a produção poética do autor, podemos vislumbrar que o “eu” do poeta sempre é permeado por uma relação de ‘singular-plural’ na qual ao se falar do todo se remete ao “eu” o que em uma relação inversa também é válida no que se refere ao “nós” com o “eu”. CÂNDIDO (1995, p. 03) reflete sobre essa constância na escrita de Carlos de Drummond de Andrade através dos seguintes escritos: “Trata-se de uma problema de identidade ou identificação do ser, de que decorrer o movimento criador da sua obra na fase apontada, dando-lhe um peso de inquietude que o faz oscilar entre o eu, o mundo e a arte, sempre descontente e contrafeito”.

Essa ruptura presente em “Considerações do poema”, no que se refere à subversão da primazia da oralidade, prossegue no desenvolvimento do poema, tomando a liberdade da escrita para a própria questão identitária e transformando a si próprio em significante, como se o próprio escritor tomasse para si o conceito de “diferença” presente no pensamento de DERRIDA (2007):

Furto a Vinicius
sua mais límpida elegia. Bebo em Murilo.
Que Neruda me dê sua gravata
chamejante. Me perco em Apollinaire. Adeus, Maiakov
ski.
São todos meus irmãos, não são jornais
nem deslizar de lancha entre camélias:
é toda a minha vida que joguei.
Estes poemas são meus.
(ANDRADE,2000, p.10)

A “diferença” em questão pode ser compreendida como exteriorização da ruptura do binarismo, a subversão dos lugares pré-determinados, fazendo com que, a partir desse movimento, a relação entre centro e margem se esvazie de significado. DERRIDA (2004, p.86), ao pensar a “diferença” em sua aplicação na relação centro-margem, desenvolve a seguinte reflexão:

(...) os lugares de uma e de outra devem deslocar-se constantemente. Se as palavras e os conceitos só adquirem sentido nos encadeamentos de diferenças, não se pode justificar sua linguagem, e a escolha dos termos, senão no interior de uma tópica e de uma estratégia histórica.

A articulação entre o “eu” e o “nós” frisada nas reflexões de CÂNDIDO (2004) como um elemento-chave da poeticidade drummondiana nos remete a um olhar político concernente à escrita, no qual a faceta contra-hegemônica de Carlos Drummond de Andrade se enraíza na desconstrução do atomismo da subjetividade, as relações entre o eu e o outro perdem sua rigidez binária findando em uma mescla entre estes dois campos (eu, outro), no qual se produz uma liberdade ainda a ser nomeada. A ideia de uma leitura “devoradora” que toma os poemas do escritor como produtos do próprio leitor é um dos elementos de ilustração de nosso argumento, principalmente no que se refere ao trecho “Estes poemas são meus”.

Pensamos que o trecho de “Considerações do Poema” acima exposto é um elemento-chave para abordarmos a politicidade da poética de Drummond a partir da confluência entre teoria literária e filosófica. Essa possibilidade de movimento preceituada pelo poema, no caráter de escrita da “diferença” que pensamos que ele toma, afina-se com a perspectiva que GOULART (2003, p. 33) desenvolve no que se refere à singularização do texto literário:

(...) o criador do texto literário consegue escapar aos condicionamentos do mundo simbólico, rompendo as imposições e afastando o que é meramente convencional. Nesse sentido o trabalho do criador será sempre um *projectum*, isto é, um constante lançar-se à frente de si mesmo, anulando a identidade e buscando a diferença.

A vinculação da escrita poética à *práxis* reflexiva sobre possibilidades artísticas de experimentação democrática se daria através do reconhecimento de uma vinculação entre o plano social e a liberdade artística, em sua modernidade rancieriana, o “escape aos condicionamentos do

mundo simbólico”, a quebra com a convencionalidade, abriria possibilidades de reconhecimento da concretude de uma rearticulação poética da materialidade capaz de, se não extinguir, pelo menos reduzir a “caducidade do mundo”. O seguinte trecho das reflexões de CÂNDIDO (1995, p.8) é expressivo desse vislumbre revolucionário de Drummond sobre sua poesia: “A poesia consistiria em trazer em si os problemas do mundo, manifestando-os numa espécie de ação pelo testemunho, ou de testemunho como forma de ação através da poesia, que compensa momentaneamente as fixações individualistas do ‘eu todo retorcido’”.

Explicitada a vinculação entre a escrita política de Drummond e as possíveis articulações entre esta e uma teoria literária da democracia, nos dedicaremos nestes tópicos finais a desenhar alguns primeiros esboços dessa potente interrelação. Iniciaremos pelos aportes de RANCIÈRE (2005) sobre politicidade: “A política ocupa-se do que se vê e do que se pode dizer sobre o que é visto, de quem tem competência para ver e qualidade para dizer, das propriedades do espaço e dos possíveis do tempo”.

Podemos compreender o campo político como o direito de dizer o mundo, sendo a democracia a plataforma sobre a qual se escreve esses dizeres. A democracia como “jogo” se dá na articulação dos detentores da fala, da escuta e da escrita e os aliados dessas práticas como um todo ou em parte. É sobre essa relação entre dentro e fora que se constrói essa plataforma.

Tanto RANCIÈRE (2005) quanto DERRIDA (2004) expõem a potencialidade da escrita em dar movimento ao “jogo” democrático, dado o fato desta conter em sua própria forma a possibilidade infinita de significação, incerceável pela metafísica da presença. A escrita possibilita a implosão do binarismo de inseridos e marginalizados, a partir da fundação de uma sociedade aberta de intérpretes, na qual as releituras da escrita performatizam a possibilidade de se reler o próprio “mundo-texto” no reconhecimento do caráter linguístico da realidade. A posição que tomamos frente à linguagem embasa-se nas leituras de Derrida desenvolvidas por DIAZ (2017, p.13): “A linguagem é, sem dúvida, um âmbito dinâmico de possibilidade não predetermináveis, sempre a espreita de trazer a presença mundos imaginados, ainda que momentaneamente não disponíveis”.

Já agora te sigo a toda parte,
e te desejo e te perco, estou completo,
me destino, me faço tão sublime,
tão natural e cheio de segredos,
tão firme, tão fiel... Tal uma lâmina,
o povo, meu poema, te atravessa.
(ANDRADE, 2000, p. 11)

O trecho acima destacado reforça nosso argumento de uma radicalidade democrática na escrita drummondiana, na qual a poesia é instrumento de embate pelo qual a partir da linguagem se

propõe mudanças na própria materialidade. A poesia, tal qual uma “lâmina”, denuncia e propõe, destrói e edifica. O poeta desenvolve em seu texto a transgressão como elemento fundante de sua poeticidade, tornando a própria a possibilidade de uma teoria democrática da literatura, no âmbito de sua obra, uma crítica mesmo às democracias já postas. A marcha é contra o engessamento, a institucionalização e a obviedade. Em Drummond, a “travessia” é infundável e o processo da “diferença” no plano poético retrata uma democracia eternamente a porvir.

4- Conclusão

No presente texto intentamos desenhar a relação entre a escrita drummondiana e uma acepção de Democracia afim com a desconstrução de Jacques Derrida. No que se refere à leitura do poema não o englobamos em sua integridade. Findamos frisando os trechos mais afins com o debate proposto. Os fragmentos debatidos são exemplos da potência da escrita drummondiana e do espírito transgressor do poeta mineiro, que funde a partir de seus jogos de linguagem um olhar cético e esperançoso frente às liberdades a serem experimentadas em coletivo e individualmente.

A afinidade da inversão entre oralidade e escrita, experimentada por Drummond e teorizada por Derrida, expõe pontes a se construir entre a poesia de um e a teoria do outro, sendo possível se vislumbrar a escrita drummondiana como uma linguagem da “diferença” talvez das interrelações mais potentes a se construir nesse entrelaçar político, filosófico e literário que intentamos neste texto.

Findamos com a afirmação de vislumbrarmos os estudos estéticos, principalmente no que se refere à plataforma literária, como campos a se explorar um “dizer mais” pleno de potencialidade em influir em nossa materialidade “caduca” infelizmente cada vez mais afim com um “dizer menos”, com o esvaziamento do espaço público e, conseqüentemente, das possibilidades da coletividade a construir. É preciso reler o Drummond político, e buscar em seus escritos transgressores elementos para buscarmos uma democracia ainda a porvir.

Referências:

- ANDRADE, Carlos Drummond. *A rosa do povo*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
CANDIDO, Antônio. *Iniciação à literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004
_____. Inquietudes na poesia de Drummond. In: *Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades, 1995.
DIAZ, Elvira Burgos. *Desconstrução e Subversão*. Trad. Magda Guadalupe dos Santos e

Barbara Bastos. Disponível em:
<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/viewFile/5543/5507>> Acesso em: 27 mar 2017.

DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. *Força de lei: o fundamento místico da autoridade*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GUYER, Paul. As origens da estética moderna 1711-1735. In: *Estética: Fundamentos e questões de Filosofia da Arte*. Trad. Euclides Luiz Calloni. São Paulo: Editora Paulo, 2005.

GOULART. Audemaro Taranto. *Notas sobre o desconstrucionismo de Jacques Derrida*. Disponível em:
<http://portal.pucminas.br/imagedb/mestrado_doutorado/publicacoes/PUA_ARQ_ARQUI20121011175312.pdf> Acesso: 27 mar 2017. 2003.

RANCIERÉ, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: EXO/34. 2005.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”? In: *Textos Seletos*. Trad. Floriano de Sousa Fernandes. 3ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

_____. *Crítica da faculdade do juízo*. Trad. Valério Rohden e António Marques. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

Artigo recebido em: 01/06/2017

Artigo aceito em: 30/07/2017